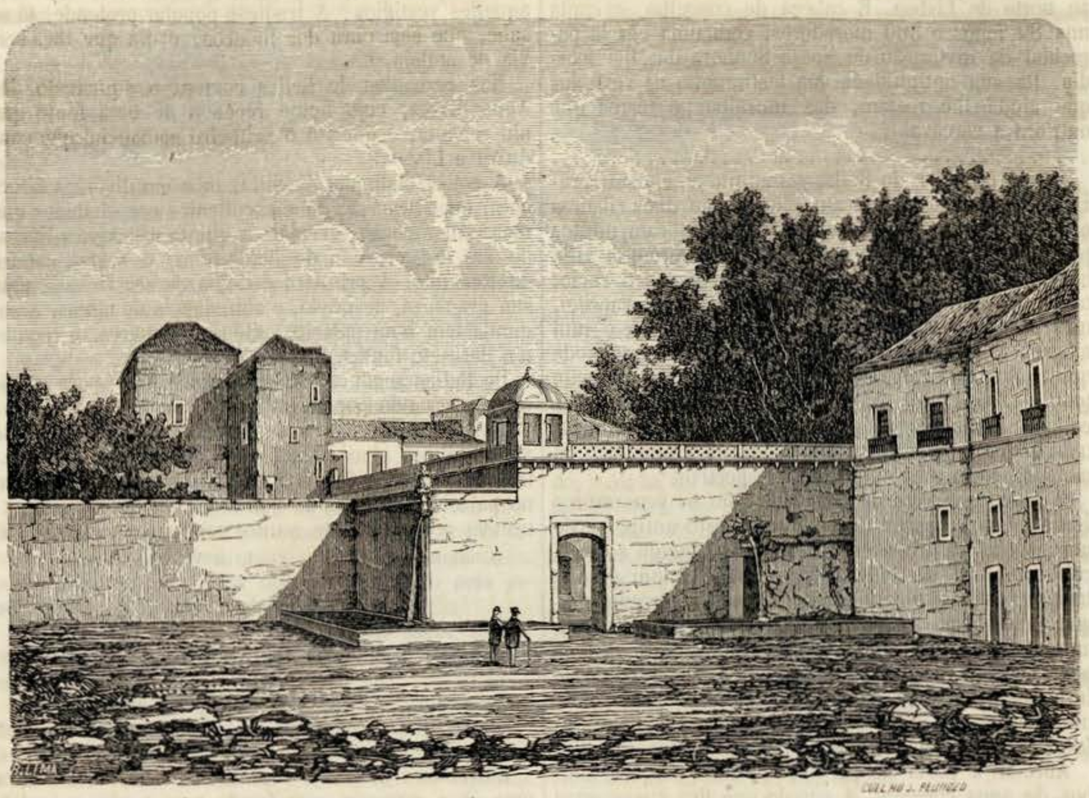


Palacio dos srs. condes de Pombeiro no rocio da villa de Bellas

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 105)

Proseguindo pela estrada de Bemfica chega-se á *Porcalhota*, logar de uns 359 fogos, e uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Pertence á freguezia de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica. As casas do logar estão quasi todas arruadas ao longo da estrada, parte em sitio baixo e plano a que chamam por essa razão *Porcalhota de Baixo;* e a outra parte em terreno mais elevado, mas tambem plano, pelo que a denominam *Porcalhota de Cima.* Uma calçada, não muito ingreme, separa as duas partes da povoação.

A primeira é uma das mais formosas situações dos suburbios da capital. Figurae um extenso lanço de estrada macadamisada, de bastante largura, e tão direita que de certo foi alinhada a cordel. Orlae um dos lados da estrada de boas casas de campo, algumas de elegante e gracioso aspecto, que se vão alternando com os jardins e pomares que as dividem, aqui elevando-se e debruçando-se as arvores de cima dos muros como para fazerem sombra aos viandantes, acolá caíndo dos terrados e caramanchões grinaldas de plantas trepadeiras e festões de flores, que o vento desprendeu e agita, embalsamando o espaço com seus aromas.

Ao outro lado da estrada dae-lhe por unica cercadura longa fileira de arvores annosas e campos vastissimos, terminando em collinas, que fazem moldura ao quadro: as arvores tão copadas e frondosas, que parecem querer beijar com as extremidades dos ramos, em prova da feracidade do terreno, os pomares e jardins d'além; e os campos, onde parte do anno crescem soberbas searas, ornados de longe em longe com pequenas quintas que lhes quebram a monotonia com seus viçosos arvoredos. Estendei pelos campos, proximo das collinas, uma mui comprida galeria de arcos, magnificamente construida, de excellente cantaria, e que dá passagem ás *aguas livres* no seu curso para Lisboa. Semeae as collinas de alguns casaes, que, apesar de raros e humildes, alvejam com graça por entre as quebradas, e na parte mais elevada d'ellas collocae uma aldeiasinha, que resplandece pela alvura das suas casas, e que avulta pittorescamente pela quinta e palacio torreado dos srs. condes da Louzã. Chama-se o logar da *Damaia.*

D'entre as quintas e casas de campo que estão guarnecendo a estrada, sobresáe em belleza e riqueza a residencia do digno par do reino, o sr. Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, filho do celebre estadista e grande orador Rodrigo da Fonseca Magalhães. Fundou esta propriedade, ou pelo menos ampliou-a e melhorou-a no primeiro quartel d'este seculo o fallecido negociante da praça de Lisboa Francisco Marques Torres, porém foi o actual proprietario, que a transformou n'uma elegante e aprazivel vivenda.

A *Porcalhota de Cima* é sitio de saluberrimos ares, pois que por todos os lados a lavam os ventos, mas não é bonita, nem parece campo. É uma larga rua de cidade, onde tudo é casaria, e poucos são os edificios de apparencia agradavel. A melhor casa e quinta pertencem ao sr. José Maria da Silva.

Continuando pela mesma estrada, que leva a Cintra e Collares, sobe-se a um alto, d'onde parte para a esquerda uma estrada em direitura a Quéluz, e um

pouco mais adiante corta outra para a direita que conduz á villa de Bellas. Tomaremos por esta ultima, deixando para outra digressão o real sitio de Quéluz.

A villa de Bellas fica a uns 14 ou 15 kilometros ao norte de Lisboa. É cabeça de concelho, e conta uns 80 fogos e 300 moradores, com uma egreja parochial da invocação de Nossa Senhora da Misericordia. Da sua antiguidade dão testimunho os vestigios que ainda lhe restam, das muralhas e torres que outr'ora a cercavam.

....

[1] Os arrabaldes de Bellas são muito amenos e aprazíveis, porque os refrescam e fertilisam duas ribeiras e numerosas fontes, e porque os assombram muitos pomares de laranja e outras frutas. Porém a villa em si não é bonita, se exceptuarmos o seu rocio, não pela regularidade das casas que o guarnecem, mas sim por ser um terreiro espaçosissimo e mui alegre, e sobretudo pelos edificios e arvoredos da quinta dos srs. condes de Pombeiro, que lhe occupam todo o lado do sul. Não ostentam magnificencia esses edificios, mas, como se vê na gravura que publicâmos, offerecem á vista de quem os contempla do meio do rocio mui agradavel perspectiva.

O pateo que precede o palacio com os seus muros coroados de gradaria de pedra no gosto antigo, e de um esbelto pavilhão erguendo-se no angulo sobranceiro á porta da entrada principal e a um grande tanque, onde cáe continuamente grossa torrente d'agua purissima; o palacio mostrando da construcção antiga dois corpos como torres, de pedraria tostada pelos seculos, e em fim as arvores seculares, que se levantam do lado de oéste por detrás do pateo, e de umas casas do rocio pertencentes á mesma quinta, formam um quadro muito lindo e pittoresco.

Abre-se a porta do pateo entre dois tanques, ambos de agua corrente. A parede que fica superior ao tanque da parte esquerda de quem entra no pateo, era quasi toda occupada por um grande painel com figuras em meio relevo. É obra muito antiga, e ainda que bastantemente estragada, deixa distinguir algumas figuras e ornatos.

....

A quinta, apesar da decadencia em que se acha, é magnifica, e seria digna de um soberano nos seus tempos de prosperidade.

....

Uma das obras de arte mais notaveis d'esta quinta é o lago com a estatua de Neptuno. A estatua é de marmore de Carrara; veiu de Italia, e é attribuida ao cinzel do eximio esculptor napolitano Bernini. Está poisada no centro de quatro taças em fórma de conchas, as quaes descançam sobre um grupo de quatro golphinhos, tudo de marmore. Erguiam-se no fundo do lago, entre as bordas d'este e os golphinhos, umas figuras, representando tritões e seréas, egualmente de marmore. Faz pena ver toda esta obra desprezada e damnificada. O Neptuno já não tem tridente, e os tritões e seréas acham-se mutilados. Cerca o lago inteiramente denso bosque de arvores e arbustos.

....

No cimo dos montes, que orlam a parte plana da quinta pelo lado de oéste, avultam dois enormes penedos tão singulares pelo feitio como pela disposição. São duas grossas lages ponteagudas, collocadas a prumo uma ao pé da outra, de modo que fazem um angulo, unido na base até um terço da altura. D'ahi para cima separam-se os rochedos por causa da sua fórma pyramidal. Tem a base apenas assente no terreno, tanto á superficie, que parecem alli dispostos por mãos humanas. Não se vê mais penedo algum n'aquellas visinhanças. Será isto uma curiosidade natural, ou alguma construcção anterior á monarchia, que ficasse incompleta, ou de que restem unicamente aquelles vestigios? A tradição popular pretende, já se sabe, que seja obra dos mouros; e diz que lhes servia de atalaia. [1]

Nas cercanias de Bellas começa o aqueducto das Aguas-livres, cujo nome recebeu de uma fonte que ahi rebenta, e que foi o primeiro manancial que conduziu a Lisboa.

A pouca distancia da villa, mas em diversas direcções, encontram-se duas excellentes propriedades que merecem menção especial: a quinta das Aguas-livres, do sr. Biester, e a do Bomjardim, dos srs. condes de Redondo. A primeira é digna de ser visitada pela sua grandeza, arvoredo, e abundancia de aguas. A segunda tem bom palacio, extensos pomares, e regam-n'a dezesete fontes.

De Bellas segue a estrada para Mafra e para a Ericeira, passando por Pero Pinheiro, onde estão as ricas pedreiras de marmores de diversas qualidades, e de variadissimas côres. Foi d'estas pedreiras que se extrahiram quasi todos os marmores que se empregaram no palacio e basilica de Mafra. Tambem d'aqui se extrahem presentemente muitos marmores para Lisboa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Supprimimos o que dizemos no Roteiro ácerca da situação e senhorio da villa, e relativamente á historia e descripção da quinta dos srs. condes de Pombeiro, e das minas do Suimo, para não repetirmos o que já referimos n'este jornal a pag. 289 do vol. v, e a pag. 179 d'este vol.

[1] A gravura a pag. 192 mostra um dos penedos visto de face e o outro de perfil.

A MUSA DE ALEMQUER

(Vid. pag. 172)

II

Entrámos n'uma loja destinada aos bebedores. Era uma casa espaçosa com frente para a rua, e jardim da parte de traz. Ao fundo, á luz de uma candeia, estavam meia duzia de maloios, jogando a bisca, a uma mesa carregada de copos de meia canada; uns poucos de molhos de cebolas pendiam das traves, que o fumo mais que o tempo ennegrecêra. As moscas esvoaçavam n'uma atmosphera de tabaco de fumo, zumbindo aos meus ouvidos e aos encontrões á minha cara. Na chaminé faiscava um brazeiro excellente; as noites já iam frescas. Uma duzia de gatos e de cães estavam fraternalmente deitados ao pé do lume. Perguntava eu a mim mesmo, aquecendo os pés ao brazeiro, se seria possivel, como José Mauricio dizia, que uma flor poetica houvesse desabrochado n'aquelle escondrijo, e que no andar de cima houvesse reunião presidida por uma moça e formosa, inspirada da mesma sorte que as télas dos velhos mestres, em que os condemnados se estorcem no fundo do abysmo infernal, em quanto os anjos e os serafins fluctuando no azul celeste glorificam a Deus nas suas harpas de oiro!

Estava entregue a estas reflexões quando vi descer por uma escada que conduzia do antro ao sanctuario, uma bonita rapariga bem vestidinha, de olhos vivos, sorriso franco, sáia curta, e perna fina.

Era Maria.

Deu-me as boas noites, e principiou a pôr a mesa que me era destinada, em quanto Mauricio dava ordens á minha ceia. Com as suas mãos, nem muito grosseiras nem muito encarnadas para mãos de casa de venda, estendeu n'uma mesa, o mais longe que pôde do grupo dos da bisca, uma toalha que exhalou desde logo um bom cheiro de roupa de linho.

Era desembaraçada, viva, graciosa em todos os seus movimentos; dava gôsto olhal-a. Disse-lhe que estava com tenções de passar alguns dias em Alemquer, e ella prometteu-me o melhor quarto que tinham.

— Para não enganar o senhor sempre lhe quero dizer, que mesmo o melhor não presta para nada. O sitio é que é bonito.

— Oh! Esse conheço-o eu bem. Já por aqui estive muito tempo.

— Mesmo na baixa da villa?

— Mais arredado um pouco, mas não muito longe. Se atirasse uma flor ao rio iria passar-me por baixo das janellas.

— Olhem que arranjo para um namoro! — disse ella rindo.

Estavamos de palestra, quando se abriu a porta que dava para a rua, e um personagem longo e estitico surdiu, fazendo-me uma cortezia, e puxando pelo queixo a Maria, que lhe despediu uma bofetada; depois, trepou pela escada como um gato emmaranhado n'um novelo que lhe foge.

— É o sr. Zeferino, disse Maria.

— Quem vem a ser este sujeito? — perguntei eu para a fazer fallar e ver-lhe os dentes alvissimos.

— É um tolo! — respondeu ella, erguendo os hombros.

— Ia apostar que elle não se tem n'essa conta! acrescentei eu.

— E a desgraça é não ser só elle. Cá em casa dão-lhe tréla como se fosse um oraculo. Se quizessem fazer o que eu digo, era quando elle entrasse por uma porta pôl-o na rua pela outra, ou mesmo pela janella. Isto aqui, meu senhor, é uma comedia!

Interroguei-a discretamente, mas a mesa estava posta e a rapariga retirou-se depois de me dar as boas noites.

Á sobremesa vi apparecer uma especie de Manuel Mendes, que não podia ser outro senão o sr. Mattoso. O sr. Mattoso era effectivamente gordo, rechunchudo, e de boas côres. Depois de trocar com elle algumas phrases triviaes, preludio obrigado de toda a conversação que vae em principio, pedi-lhe que se sentasse e tomasse commigo um copo de vinho. Assim que despejou o copo, disse-me:

— V. s.ª vem de Lisboa?

— Sim, senhor.

— Isso é que é terra! A terra por excellencia! O sr. é empregado nas estradas?

— Não, senhor.

— Vinhateiro talvez?

— Tambem não, senhor.

— Vem dar o seu passeio para entreter?

— Exactamente.

— Alemquer não tem que ver senão de fóra.

— Oh! Repare que está calumniando a sua casa!

— Isto é uma casa de venda!

— Que encerra um thesoiro merecedor de um palacio.

— O que! Pois v. s.ª sabe...

— O que toda a gente diz. Que o sr. é um pae muito mimoso da fortuna!

— Oh! senhor...

— Pae de uma musa!

— É o que diz o sr. Zeferino!

— Não quiz passar por estes sitios sem saudar o lar, em que sua filha nasceu.

— Muita honra nos faz, meu senhor!

— Portugal em peso aqui ha de vir com o tempo, em peregrinação!

— Que me diz?!

— É quasi certo.

Em fim, fui levando o homem até me abrir elle proprio a porta do sanctuario em que eu desejava penetrar.

— E chega em boa occasião, disse elle, porque hoje reunimos cá algumas pessoas para ouvirem versos novos da minha Joanna!

— Grande gosto me daria assistir a similhante solemnidade.

— Temos cá o sr. Zeferino e o feitor da mala-posta do Cercal, que deu aqui uma saltada para ouvir a pequena, por lhe terem contado maravilhas a respeito do estro da minha Joanna.

— Dar-me-hia summa honra sentar-me entre esses sujeitos.

O sr. Mattoso subiu a escada, para ir consultar a assembléa, e pôr a votos a minha recepção. Passados minutos, veiu annunciar-me que estava admittido por unanimidade.

— O que pedimos ao sr. é que seja indulgente!

Retirei-me ao meu quarto para mudar de roupa, e logo depois, precedido do sr. Mattoso e acompanhado por José Mauricio, que soltava suspiros capazes de enternecerem um coração de pedra, subi lentamente... os degraus do Parnaso.

Tão depressa entrei, eis o que me deu na vista:

Uma sala de paredes brancas; ao fundo Maria sentada n'um mocho, sorrindo, um pouco em ar de ironia; no meio, uma mesa coberta com um chale velho, carregada de pennas, livros e papeis, ao pé da qual se via uma menina, seguramente Joanna, absorvida a procurar alguma rima que lhe faltava; em roda, a dona da casa, meio burgueza, meio senhora; o tal Zeferino de calça de quadros, collete amarello, collarinho até ás orelhas, sobrecasaca azul, o feitor da mala-posta, homem sério e simples, um mestre de meninos, e um cirurgião.

Quando eu entrei, levantou-se toda a gente. Fui direito á dona da casa, a quem comprimentei com o respeito devido á mãe de uma musa; depois, apresentaram-me á heroina da localidade, e fui para ao pé do *sr. Zeferino* sentar-me n'uma cadeira que me estava reservada a seu lado.

José Mauricio estava sentado ao pé de Maria, e o sr. Mattoso ao lado de sua esposa.

Durante instantes ficou tudo n'uma calada de coelhos, e eu fui observando a musa, á luz de duas vélas de cebo que ardiam em cima da mesa.

Com quanto vestida com uma elegancia pretenciosa, não era destituida de uma certa graça; tinha a testa alta e bonita, o olhar meigo e ao mesmo tempo altivo, a boca rosada e séria, cabellos loiros, naturalmente annelados, caindo-lhe em profusão sobre o collo. Appareceu-me como uma bonita ave dos tropicos fechada com uns poucos de patos n'uma gaiola.

Cumpre todavia exceptuar Maria e o meu pobre Mauricio.

Foi o sr. Zeferino quem rompeu o silencio. Encostou familiarmente a mão ao meu hombro, e disse com um ar de superioridade:

— V. s.ª é amante?

— Amante de que?

— Amante da poesia, está bem de ver!

— Sim, senhor, gosto, quando são bons versos.

— N'esse caso não podia ir bater a melhor porta! disse a meu lado uma voz rouca e cavernosa.

Voltei-me de repente, e topei de cara com a mais horrivel figura de regedor que tenho visto. A similhante aspecto, sempre atterrador por mais tranquilla que nos esteja a consciencia, ia-me dando uma vertigem.

— Aqui o sr. é entendido! — acrescentou o sr. Zeferino.

— Forte duvida, redarguiu o Mattoso, basta vir de Lisboa!

O mestre de dança e o regedor trocaram um olhar perspicaz, em quanto o mestre de meninos e o cirurgião se entretinham em voz baixa a observar-me.

A patrôa tomou a palavra:

— A minha Joanna recebeu hoje uma carta de... (nomeou um dos homens de letras mais notaveis do paiz), em resposta a uma poesia que ella para lá lhe mandou. Estou bem certa que esta noticia ha de re-

gozijal-os, por verem o caso que na capital se faz d'esta menina.

Depois de ter corrido todas as mãos, chegou a carta ás minhas. Era effectivamente de um escriptor illustre. Agradecia á donzella os versos *deliciosos* que acabava de ler, e lastimava que tão mimoso talento se consumisse no fundo da sua simples villa. Terminava dizendo-lhe que o seu talento só na capital poderia alargar as azas livremente, e que, se a andorinha esconde o ninho nos sulcos do arado, a aguia páira no monte.

— É admiravel! — replicou o sr. Zeferino: a andorinha esconde o ninho nos sulcos do arado, a aguia páira no monte. É o que eu sempre tenho dito!

— É uma carta em verso? — perguntou o regedor.

— Em verso branco, observou o sr. Zeferino.

— Verso branco! Pois tambem os ha de côr?

— É uma carta, disse Joanna aproximando-se de nós, em prosa poetica.

— Exactamente! replicou Zeferino; é o que eu estava dizendo; verso branco ou prosa poetica! É a mesma coisa.

— Não é tanto assim! — disse Joanna sorrindo.

— Verso branco! — ponderava o Mattoso, que não cabia em si de pasmo.

— Hontem, disse a musa, quando o astro do dia se apagou detraz dos pinhaes, em quanto no horisonte opposto a lua accendia silenciosamente sua lampada de alabastro, e o ceo principiava a entreabrir seus cofres de saphiras...

— Ui, guinchava Zeferino, ui, que belleza! Tudo isto para dizer que são sete horas da noite!

— São versos? — perguntava o regedor.

— Ainda não, respondia o sr. Zeferino; está a afinar a lyra!

Ao dizer d'esta palavra, vi Mauricio e Maria levantarem-se nas pontas dos pés, e estenderem o pescoço na intenção de avistarem essa lyra phantastica, que ha tanto tempo formava a desesperação da sua curiosidade.

— Ia eu triste e sonhadora, proseguiu a moça, escutando o murmurio melancolico das folhas séccas que pisava, e que as brisas do outono iam espalhando diante de mim. Soavam ave-marias; as sombras desciam dos valles; já o manto da noite se salpicava de estrellas; minha alma resoou subita como uma harpa eolia, e misturou um hymno de amor aos mysteriosos concertos da natura. Ficaram-me de idéa algumas estrophes que lhes vou dizer!

— Escutemos o hymno! — bradou a assembléa.

A moça estava de pé, apoiando as mãos ás costas de uma cadeira, de ar inspirado, olhos erguidos ao ceo. Depois de ficar assim por instantes, recitou em voz lenta e grave uma duzia redonda de estrophes, que excitaram um enthusiasmo que não procurarei mesmo descrever.

Eram, para dizer a verdade, versos menos mal arranjados, sem originalidade, sem pensamento, ôcos, chilros, mas sonoros: corria n'elles todavia um sopro fresco e poetico, e, aqui e alli através da ambição de algumas metaphoras surdiam imagens graciosas, flores silvestres brotadas n'um vallado de piteiras. Eram versos como a maior parte dos que por ahi se fazem em Lisboa; n'uma sala, não se faria caso; n'uma estalagem eram uma maravilha, e eu proprio estive vae não vae para gritar como nos toiros: — «Esta foi real!»

Quando Joanna terminou, abraçou-a sua mãe e cobriu-a de lagrimas e beijos, exclamando:

— Has de ser a gloria da tua familia!

O Mattoso soluçava de admiração. José Mauricio chorava a um canto. Maria tinha mais que nunca o seu ar esperto e cassoista. As vozes dos freguezes, na loja, pedindo vinho, resoaram como trovões; Mauricio e Maria ergueram-se immediatamente; e ouvi a rapariga rir ás gargalhadas em quanto descia a escada.

— Que me diz a isto? — exclamou o Zeferino, batendo-me no hombro com a semceremonia do enthusiasmo.

— Digo que são bonitos versos!

— Boa duvida, que o são! — exclamou o regedor; gostaria de ver que alguem se atrevesse a dizer o contrario.

— Isto não é só bonito, acrescenta o mestre de meninos, isto é bom; atrevo-me a affirmar que isto é bom!

Estava com pena de ver queimar um tão grosseiro incenso aos pés d'aquella pobre criança, cujo rosto scintillava de satisfação e de orgulho. Pedi-lhe que nos dissesse mais alguns versos. Não se fez rogar. De novo tomou a attitude de inspirada, e recitou com imperturbavel entono meia duzia de elegias, debeis echos, reflexos pallidos, descóradas copias dos mestres; era sempre a mesma coisa: as estrellas, a lua, o sol, as sombras, os regatos, o murmurar do vento, o suspirar das ondas, os bateis no argenteo lago, a brisa da madrugada e a brisa da noite, o gorgeio dos passaros na rama das arvores, as alegrias da primavera, as melancolias do outono: parecia-me estar a ouvir um papagaio dos srs. Castilho, Mendes Leal, ou Thomaz Ribeiro.

Por volta das dez horas retirou-se a sociedade, e, como eu era quasi da casa, deixei-me ficar com a familia. Sentei-me ao pé de Joanna e entretive-me a conversar com ella: apesar do ridiculo das suas pretenções pareceu-me uma boa rapariga, extraviada pela vaidade dos parentes e pela tolice das pessoas que a rodeiavam. Pedi-lhe que me contasse como se revelára n'ella o talento poetico; disse-me que havia sido ao ler as *Flores sem fructo*, de *Garrett*. Não sei que opinião arrisquei ou que foi que disse a respeito de litteratura, que a familia vendo que eu não era de todo leigo no assumpto, principiou a testimunhar-me alguma consideração. A dona da casa mesmo confessou-me que não tinha nascido para ter estalagem, que era filha de um tabellião, e que o pae tivera grandes revezes do destino. Depois, rompeu em me confiar os seus projectos e esperanças. Estava decidida a largar o albergue e levar a filha para Lisboa. Pelos modos Zeferino fallára-lhes de Emilia das Neves a proposito da recitação dos versos de Joanna, e entrou a assegurar que se ella se resolvesse a ir para o theatro, com os recursos do seu talento, da sua formosura e da sua voz, derrotaria a propria Emilia. Além de que, a sua habilidade poetica, de per si, lhe daria grandes haveres, visto ter passado já a epocha da miseria dos litteratos.

— Isto obriga-nos a grandes sacrificios, dizia a mãe; mas não terei o remorso de ter escondido a luz debaixo de um alqueire, como me dizia outro dia o administrador da Lourinhã! Não é só a gloria que a espera em Lisboa, é a riqueza!

Fallando por esta maneira, a pobre mulher cortava-me o coração.

— Vende-se o pomar e a adega, e está prompto! disse Mattoso.

— Eu lhes darei em troca um predio e um jardim! redarguiu a moça, sentando-se nos joelhos d'aquelle santo homem. Tenho dois volumes de poesia: *As violetas*, e os *Suspiros de alma*.

— É oiro em pó! — disse o pae, beijando-a na fronte.

— Que diz aos novos projectos! — perguntou-me a patrôa.

Não tive animo de destroçar de um sopro os sonhos d'aquella pobre gente; respondi que tinha tenção de me demorar alguns dias ainda em Alemquer, e que fallariamos d'isso outra vez.

Para me dirigir ao meu quarto tive de descer a escada e passar pela loja onde estavam os freguezes. Encontrei ahi Mauricio e Maria; um estava sentado ao pé da chaminé, com a cabeça encostada ás mãos, em attitude de quebranto; a outra dava alegremente as voltas precisas, girando activa, e pondo as coisas em ordem com bom modo e ar contente.

Assim que me viu:

— Que lhe pareceu? — perguntou-me. Não é certo que todos estão malucos lá em cima?

E, sem me deixar responder:

— Cá por mim gosto mais das modas da minha terra!

E cantou, com toda a frescura da sua voz, não sei já que trova do povo. Depois chegou-se a Mauricio que não mudára de attitude, e depois de o contemplar instantes com um ar de enternecimento:

— Que estás ahi fazendo, pateta? — exclamou rindo; accende uma vela e acompanha este senhor ao seu quarto, anda!

Mauricio levantou-se, accendeu uma vela, e acompanhou-me calado.

Depois de fechar a janella, disse-me:

— Então, meu amo, tinha eu razão ou não para me deitar á valla?

— Pergunta a Maria, verás o que ella te responde.

— Ah! exclamou batendo na testa, não ha mais que uma mulher n'este mundo! O senhor ha de ter remorsos toda a sua vida de não me ter deixado dar cabo de mim. O que me consola é que a valla do Carregado não fica longe!

— Melhor era que te lembrasses que a Maria está mais perto ainda.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.



Lago de Neptuno na quinta de Bellas — Vid. o artigo a pag. 185

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

(Vid. pag. 169)

III

FASTOS DO MOSTEIRO

Não ha, certamente, em Portugal edificio algum, que reuna em si, como este extincto convento, tantas e tão variadas memorias historicas. Póde chamar-se-lhe chronica de marmore, onde cada pedra é uma pagina que nos está fallando dos nossos reis; de muitos homens distinctos nas armas e nas lettras; de quasi todos os soberanos, principes e sabios estrangeiros, que tem visitado este paiz; de varios successos notaveis da nossa terra; de honrosos commettimentos litterarios, e de um grande impulso á civilisação dos portuguezes; e finalmente de muitas virtudes e de muita sciencia exercidas no correr dos seculos em honra de Deus e proveito da patria.

Começando bem cedo a registrar acontecimentos historicos, ainda as suas paredes pouco excediam a meia altura, quando as phalanges do imperador de Marrocos, Aben Jacob, lhe invadiram o recinto, afugentando os operarios, e passando ao fio do alfange muitos monges de Santa Maria a velha. (1195)

Os nossos monarchas, desde a fundação do mosteiro até ao presente, ahi deixaram commemorados os seus reinados, uns com obras magnificas, que deram ao edificio mais grandeza e magestade; outros com augmentos de privilegios e novas mercês que fizeram d'aquella casa um dos mais celebres e auctorisados mosteiros da Europa; e todos, ou quasi todos, com a sua visita ou assistencia mais ou menos demorada.

Fariamos um longo catalogo, se nomeassemos todos os homens distinctos por nascimento e por acções, que, depois de se illustrarem nas armas, no paiz e fóra d'elle, vieram alli viver santamente, despojando-se dos atavios da nobreza, e vestindo a cogula monastica, ou repousar no somno derradeiro á sombra d'aquellas abobadas.

Tambem não seria pequena a lista dos filhos da ordem, moradores n'aquelle convento, que honraram com seus escriptos a litteratura portugueza. Bastará para lustre d'essa lista escrever os nomes dos chronistas-móres do reino, fr. Bernardo de Brito, fr. Antonio Brandão, fr. Francisco Brandão, fr. Raphael de Jesus, e fr. Manuel dos Santos. E por brasão d'estes nomes é sufficiente citar os oito volumes que compozeram da *Monarchia Lusitana*.

Estes e outros trabalhos litterarios, não menos uteis e honrosos, foram precedidos de um grande commettimento, que é para a historia da civilisação em Portugal o marco que lhe assignala o começo. Os primeiros estudos publicos que houve no reino abriram-n'os os monges de S. Bernardo no seu mosteiro de Alcobaça no dia 11 de janeiro de 1269, reinando D. Affonso III. Quando d'ahi a poucos annos, n'esse mesmo seculo, el-rei D. Diniz criou a universidade de Lisboa, foram os monges de Alcobaça os que mais o auxiliaram n'esse patriotico empenho, antes da fundação, com alguns conselhos, e depois com meios pecuniarios para gratificação dos primeiros lentes.

Eram innumeraveis os privilegios do mosteiro e as honras e preeminencias dos seus abbades. Tinham estes jurisdicção civil e criminal, chamada *mero* e *mixto imperio*, em quatorze, e depois em treze villas com os seus termos. Tão completo era o senhorio d'este extenso territorio, e tal a isenção do poder real, que apenas reconheciam a sua dependencia da coroa por uma simples ceremonia. Consistia a pratica em darem os abbades aos soberanos, quando estes visitavam o convento de Alcobaça, um par de botas ou de çapatos, á escolha del-rei.

Durou esta pratica até ao reinado de D. Affonso III, em que este monarcha, querendo fazer mercê ao convento, a aboliu por carta de 3 de novembro de 1314, que corresponde á era de Christo de 1276. Os abbades vieram a perder algumas das suas regalias, umas pelo desuso no correr dos tempos, e outras que lhes foram tiradas, como a de visitadores apostolicos dos monges de S. Bento, *negros* e *brancos*, e de superiores da ordem militar de Christo, regalia de que os desapossou o cardeal rei D. Henrique. Porém el-rei D. João IV, desejando captar a benevolencia do clero, e mostrar-se liberal para com a egreja, a ver se assim abrandava as iras de Roma, e conseguia o seu reconhecimento pelo papa, restituiu e confirmou todas as doações, privilegios e isenções, que D. Affonso Henriques concedêra aos monges de Alcobaça. Por este motivo, quando o augusto chefe da dynastia de Bragança foi pela primeira vez a Alcobaça depois da sua exaltação ao throno, renovou-se a antiga pratica do offerecimento das botas. Dizem que fôra o proprio soberano que desejou e lembrou a renovação d'esta ceremonia.

Os abbades de Alcobaça vestiam habitos prelaticios, e celebravam pontifical, como todos os prelados das ordens monachaes; porém na gerarchia ecclesiastica tinham o primeiro logar depois dos bispos. Na côrte desfructavam dois cargos de grande valia e representação, quaes os de esmoler-mór, e do conselho del-rei. Eram capitães-móres dos coutos de Alcobaça, que comprehendiam as ditas treze villas, e seus respectivos termos.

Tambem foram antigamente fronteiros-móres, e n'essa qualidade e na de senhores donatarios, auxiliavam o monarcha contra os inimigos do paiz, levantando e sustentando tropas, e até acompanhando-o nas proprias lides da guerra.

As rendas do mosteiro estavam em perfeito accordo com todas estas grandezas e preeminencias. Eram taes que, chegando a contar o convento novecentos e noventa e nove monges, não só chegavam abundantemente para o sustento de tão numerosa communidade, além da cohorte dos criados, mas ainda ficavam em cofre no fim do anno sommas que se empregavam em obras muito importantes no mosteiro e no templo.

Saíam estes avultados rendimentos de muitas quintas, terras e fóros, que o mosteiro possuia, e principalmente dos dizimos de todos os productos agricolas, que os lavradores recolhiam em todo o territorio dos coutos de Alcobaça, e dos dizimos do pescado que vinha aos tres portos de mar dos mesmos coutos, S. Martinho, Pederneira, e Salir. E devemos acrescentar que n'estes tres portos eram muitos os barcos de pesca, e mimoso, abundante e variadissimo o pescado.

O que aos padres sobrava da sua sustentação, e das obras que sempre traziam em maior ou menor escala, dispendiam-n'o elles em esmolas. Na verdade o mosteiro de Alcobaça foi até á sua extincção uma grande casa de caridade. Dava-se alli hospedagem franca e gratuita a quantos viandantes pediam gasalhado, qualquer que fosse a sua condição e fortuna, e na portaria matava-se a fome quotidianamente a todos os pobres que a demandavam. Todavia estes actos de caridade, pesados na balança do bem e do mal, não compensavam certamente os gravames e vexações, que os direitos senhoriaes do mosteiro impunham áquelles povos, que mais pareciam colonos que donos dos terrenos que agricultavam como seus.

Ennobrece os fastos de Alcobaça uma grande prerogativa concedida por bulla pontificia á sua egreja, que consistia em ter *Lausperenne* no sentido rigoroso da palavra. Até 1834 estava, pois, o Santissimo Sacramento todo o anno, dia e noite, continuamente exposto, allumiado, e adorado pelos religiosos, que se revesavam por turmas de seis padres cada uma.

Finalmente tambem se honram os mesmos fastos com a pagina em que estão escriptos os nomes dos seus abbades commendatarios, e dos estrangeiros illustres que tem honrado com a sua visita o monumento quasi coevo da fundação da monarchia.

Entre os primeiros figuram os cardeaes infantes D. Affonso e D. Henrique, filhos del-rei D. Manuel, e D. Fernando, filho de D. Filippe III, rei de Castella, e o cardeal D. Jorge da Costa, mais conhecido pelo nome de *cardeal d'Alpedrinha*.

Dos segundos apenas nomearemos os que nos occorrem á memoria. No reinado del-rei D. Fernando o conde de Cambridge, filho de Duarte III rei de Inglaterra, e no seguinte o duque de Lencastre, tambem filho de Duarte III, e pae da rainha D. Filippa, mulher do nosso rei D. João I; durante a usurpação hespanhola os tres Filippes de Castella, sendo o ultimo na occasião da sua visita principe real, e de pouca edade; reinando D. Pedro II o archiduque de Austria, que então se intitulava Carlos III rei de Hespanha, e que partiu de Lisboa para Vienna d'Austria a fim de cingir a coroa imperial de Allemanha com o nome de Carlos VII; no tempo da rainha D. Maria I o duque de Northumberland, que, em signal de agradecimento pela boa hospedagem que lhe deram os monges, logo que regressou a Londres prezenteou a livraria do mosteiro com uma curiosa e rica obra, que actualmente se guarda na bibliotheca de Lisboa. No reinado da sra. D. Maria II foram a Alcobaça os duques de Nemours e de Aumale, e o principe de Joinville, filhos do rei dos francezes Luiz Filippe; e no do sr. D. Luiz I o principe Humberto, filho e herdeiro presumptivo do rei de Italia Victor Manuel, e irmão de S. M. a rainha D. Maria Pia de Saboya.

Não nos recordâmos se foi a Alcobaça mais algum dos outros principes que tem vindo a Lisboa em tempos antigos e modernos.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCHOLAS PRIMARIAS

CARTAS A UM PROFESSOR

I

Meu caro Leonardo

Marvilla 1 de julho de 1863.

Grande é sempre a satisfação que sinto quando tenho noticias vossas; mas d'esta vez então, acreditae-o, foi maior que nunca. Tendo sempre lamentado o pouco escrupulo com que a instrucção e educação dos filhos do povo se confia muitas vezes a homens que, além de não terem as necessarias habilitações litterarias, nenhum peso dão á importante missão que tem a desempenhar, nenhum zelo põem no cumprimento de seus deveres, mal podeis imaginar o vivo contentamento que me causou o saber que abraçastes a vida de professor, e vos achaes com effeito regendo uma eschola de instrucção primaria.

E então de que sentimentos vos vejo possuido!... como vós fallaes dos deveres da vossa nova profissão, como vos interessaes devéras no aproveitamento das afortunadas crianças confiadas aos vossos cuidados!... Uma dedicação, como a vossa, um zelo assim em quem já sabe, como vós, por experiencia propria, quanto o mundo é escasso e tardio em recompensar os que mais trabalham em proveito real da humanidade, não mira por certo a recompensas terrenas.

Tambem, a fallar verdade, o mundo, ainda que n'isso tivesse mais cuidado, não tinha galardão condigno para o homem que, conhecedor das obrigações do professor, e votado de alma e coração ao cumprimento d'ellas, passa o melhor dos annos, dia por dia, aturando crianças, postado n'uma cadeira onde o corpo se lhe entorpece, em quanto o espirito esvoaça cuidadoso, como ave tratando dos filhinhos, por sobre aquellas intelligenciasinhas famintas de saber, ministrando ora a uma, ora a outra, o cibo da instrucção sem nunca lhe matar a fome.

É verdade que lá vem tempo em que o mundo começa a desobrigar-se em respeitos; lá vem uma epocha em que a toda a hora chovem sobre a cabeça branca do velho professor as bençãos dos que, já então homens, saboreiam os doces fructos de que na eschola se aprovisionaram para toda a vida. Mas tarde vem já tudo isso; por mais suave que seja o perfume d'essas rosas, quando alguem lhe chega a lançar mão, já vae muito maltratado dos espinhos, já n'elle a sensibilidade está muito embotada pelo soffrimento, para que lhe possa dar grande apreço. Por mais seductora que seja a belleza e fragrancia de taes flores — digam o que quizerem — tenho para mim que ninguem se animava a ir lá colhel-as ao cabo da vida, se á luz da fé não vissemos n'essa ephemera felicidade da velhice do professor o prenuncio, e como o reflexo de bens incomparavelmente maiores e eternos, que no ceo aguardam os que Deus fez pela vocação, instrumentos e cooperadores seus na grandiosa obra do aperfeiçoamento, ou rehabilitação intellectual e moral da humanidade, e se não descuidam um momento no desempenho da missão que a Providencia lhe confiou.

Avante, pois, meu caro professor, com esse zelo de apostolo, sem vos importar com a indifferença e ingratidão do mundo; Deus, que é justo, e tudo vê do alto dos ceos, ha de largamente indemnisar-vos, como a todos aquelles que trabalharem e soffrerem para que o reino da verdade e da justiça se estenda a toda terra, e a sua santa vontade seja feita em toda a parte.

A franqueza com que declaraes as difficuldades e embaraços em que vos vêdes a cada momento, depois do longo e aturado estudo que tendes feito, e o empenho com que procuraes ser esclarecido, bem longe de vos ficar mal, como chegastes a imaginar, muito vos engrandece e honra.

Para estranhar sería que isso vos não inquietasse, e que, em vez de trabalhar, como trabalhaes, para vencer e remover os estorvos, fizesseis como alguns, que eu comparo ás toupeiras, que todas as vezes que presentem em seu caminho o mais leve obstaculo, tomam indifferentemente para um ou outro lado, sem lhes importar saber que qualidade de obstaculo é, nem se tem ou deixam de ter forças para o remover. Desgraça e para lamentar é o procedimento de muitos, que por orgulho ou falsa vergonha não querem consultar ninguem, preferindo permanecer na duvida ou na ignorancia, com manifesto prejuizo d'aquelles a quem hão de dar o pão do espirito, os quaes tem direito a um sustento puro, saudavel e abundante.

O vosso ao contrario, Leonardo, o vosso procedimento, pedindo direcção e conselho, em assumpto de tanta importancia, como é o ensino religioso e moral nas escholas primarias, é justo, é nobre, é altamente louvavel.

Só n'uma coisa vos não acho eu razão; não procedestes com acerto dirigindo-vos a mim, e em não terdes procurado quem mais do que eu estivesse no caso de vos dar os esclarecimentos que desejaes, sobre o modo de dar com proveito a instrucção religiosa ás crianças.

Não tenho os profundos conhecimentos theologicos que me attribuís, nem que os tivera estaria por isso mais habilitado a responder-vos satisfactoriamente n'este ponto.

De ser sabio a saber ensinar bem o que se sabe vae uma grande distancia, e os grandes theologos, quanto mais profundos elles forem, mais inhabeis os deveis considerar para instruirem as crianças nos mysterios da fé. Senhores da sciencia, familiarisados com ella, não chegam a conceber o estado de completa ignorancia dos que nenhuma instrucção receberam ainda, não sabem exprimir-se senão por termos technicos, não podem descer á conveniente singeleza de phrase e clareza de expressão, não chegam a ser entendidos se não dos que já tem alguns estudos e habilitações pouco vulgares.

Ora, quem não sabe cathechisar as crianças e os ignorantes, que crianças são tambem, que direcção, que conselho poderá dar a tal respeito?

Pelo facto de ser padre tambem, entre nós, se não deve julgar ninguem habilitado a fallar em tal materia — é este outro erro em que laboraes a meu respeito. Nos nossos seminarios não se estuda *cathechetica*, como devia ser, e quem d'elles sáe vem ordinariamente tão ignorante, a tal respeito, como um estudante do collegio militar ou da eschola polytechnica; aos quaes não pertence tal estudo.

Isso é bom para os padres allemães, que, não só para o bom desempenho das obrigações parochiaes, mas porque tem de ser, cada um na sua localidade, os inspectores immediatos da eschola, e os primeiros conselheiros do professor, são obrigados, antes de concluida a ordenação, a um curso completo de pedagogia.

Entretanto não penseis que pretendo esquivar-me a satisfazer ao vosso pedido, e que trato de me desculpar para cortezmente vos despedir; não é assim. Hei de dizer-vos quanto entendo; e se vos não der um tratado completo de cathechetica, podeis ter a certeza de que ficareis sabendo tudo quanto da lição de alguns auctores, que d'esta materia se tem occupado, e da pratica de algum tempo tenho até hoje podido colher.

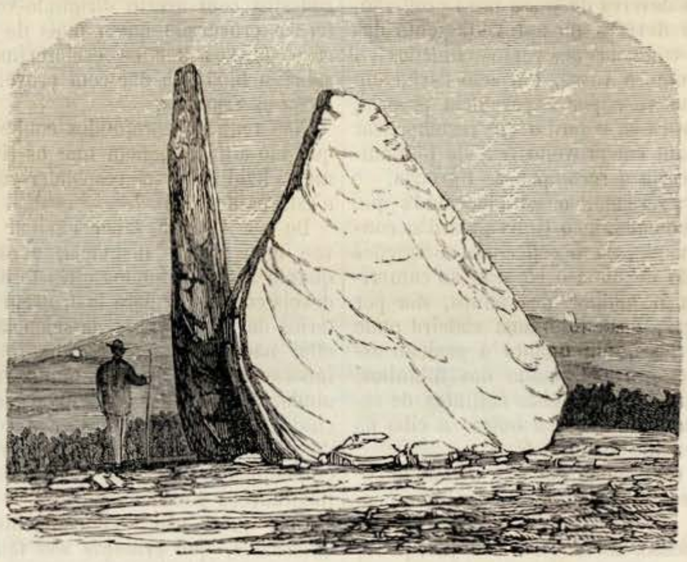
Os embaraços e difficuldades em que vos vêdes e ponderaes, tem sem duvida, uma causa; mas não é, como suppondes, a falta do necessario conhecimento

da materia, nem de habilidade didactica para dar a instrucção religiosa e moral que todo o homem deve ter ao saír da eschola. O que eu vejo em tudo o que me dizeis, é uma grande falta de confiança em vós, e no methodo que adoptastes e seguis, proveniente, ao que me parece, de nunca terdes chegado a comprehender bem o que é religião, nem a conhecer a sua contextura e admiravel economia.

Estaes no caso do canteiro, que na pedreira corta, desbasta e afeiçoa, peça por peça, e com toda a perfeição, segundo as medidas e indicações que lhe deram, a pedra para o edificio que lá na cidade se anda construindo; mas que não tendo nunca visto o risco d'esse edificio, não tem nem póde ter d'elle uma idéa adequada, nunca saberá dizer-vos o numero, medida e feitio das peças que ainda é preciso apparelhar para se completar a obra, se lh'o não tiverem dito. Vós sabeis o necessario; além das noções elementares de historia sagrada, explicaes bem os artigos do Symbolo, os preceitos do Decalogo, os Sacramentos e o mais que pertence ao culto. Mas não conheceis a planta do edificio que sob as vistas de Deus se vae levantando na alma de cada criança que ides instruindo; não tendes idéa do harmonioso conjuncto que essas peças, que de uma a uma preparaes, alli vão formar; não podeis nunca, qualquer que seja o estado de adiantamento em que se achem os que ensinaes, saber em que alturas vae a obra começada, nem o que falta para se acabar, nem o desenvolvimento que para isso deveis ainda dar a cada ponto das quatro partes em que se divide o ensino religioso, nem a ordem que n'isso deveis seguir.

É esta, e não outra, a causa das vossas duvidas, embaraços e hesitações. Umas vezes haveis de julgar ter feito bastante, faltando ainda muito para o necessario; outras, que ainda tendes muito a fazer, não faltando já coisa alguma. E d'aqui vem o ficardes sempre desconfiado e desgostoso de vós e do vosso methodo, que por fim de contas não é tão deficiente como vos parece, o que não tardareis a reconhecer.

Já vêdes portanto por onde temos a começar. Dar-vos, primeiro que tudo, uma idéa clara da religião, é o que eu entendo dever fazer, e o que farei com effeito, se Deus me ajudar, nas duas primeiras cartas



Penedos na quinta de Bellas — Vid. o artigo a pag. 185

que vos enviar, o que não tardará. A estas seguir-se-hão ainda outras com as quaes espero que dentro em pouco ficareis um bom cathechista, e habilitado para com o andar dos tempos virdes a fazer, como desejaes, uma abundante colheita de almas para Deus.

P. M. d'Aguillar

THEMAS CLASSICOS

Dizia D. João de Palafox, bispo de Osma «que o peccado mais digno de perdão era o dos taberneiros que aguavam o vinho; porque com esta transformação atalhavam muitos damnos de corpo e alma.

O conselho de aguar o vinho é de Platão, que dizia mysteriosamente, que o deus Libero casasse com as nymphas ou lymphas. Casado então se amassem, conforme aquelle vulgar verso:

Lymphatum crescit, dulcescit, lædere nescit.

Mas sendo puro, generoso e em quantidade, os damnos que causa no corpo são, que offende o figado, o baço e cabeça, como penetrador maximo. Os da alma são, que fomenta o concupiscivel, irrita o irascivel, offusca e perturba o racional. E assim por causa d'elle padecem naufragio, ou grave tormenta, as virtudes da castidade, modestia, silencio, mansidão e prudencia. Tudo juntou Salomão (Prov. 20, 10) dizendo: Luxuriosa coisa é o vinho, e a embriaguez tudo confunde com tumultos: não será sabio quem se lhe afeiçôa.

Fallando o imperador Carlos v com S. Francisco de Borja, recem-entrado na Companhia de Jesus, lhe disse: Que me respondeis a isto que se diz, que todos são moços na Companhia, e que se não acha uma cã em tantas cabeças?

«Senhor (lhe respondeu elle), se a mãe, que é a religião, é moça, como serão velhos os filhos que lhe nascem?»

P. Manuel Bernardes.

Assim como se não podem estabelecer boas regras na arte de discorrer, sem se examinarem as obras de raciocinio bem feitas; assim não se podem formar boas grammaticas para as linguas, sem se examinarem e compararem os bons auctores que tem escripto em prosa e em verso.